3 1761 06555003 0

BRIEF
BR
0003833

J. A. d'Oliveira Mascarenhas

RAINHA SANTA ISABEL

LIVRARIA BARATEIRA
4, Rua do Duque, 36 — Telefone 26755 — LISBOA

Rainha Santa Izabel

Por J. A. d'Oliveira Mascarenhas (n)

Brief
BR
0003833

A muito nobre, virtuosa e esclarecida senhora Dona Izabel de Aragão era a filha mais velha do rei aragonez D. Pedro 3.º, e de sua mulher D. Constança, filha de Manfredo — rei que usurpára as duas corôas de Napoles e da Sicilia.

Nascida em Zaragoza, nos paços de Alfageria, decorreram-lhe felizes os primeiros anos da sua vida; e já de muito nova déra provas da acuidade do proprio espirito, e duma crença religiosa que estava á beira do fanatismo.

Formosa e boa, a inteligente infanta de Aragão tivéra varios pretendentes, sobresaindo entre estes os principes herdeiros de França e Inglaterra que, afinal, se viram preferidos pelo muito alto monarca de Portugal e Algarve.

E' que o nome de D. Diniz já soava na peninsula, por um modo tão honroso para ele, que D. Pedro 3.º não hesitatra em prometer-lhe a mão da filha, e, com ela, um valiosíssimo dote.

A seu turno, o joven rei portuguez tambem não hesitára por um momento sequer: — Izabel era meiga gentil e talentosa; e, uma aliança entre si e o aragonez, serviria ao *monarca trovador* de represa eficacissima contra o poder ds Castela.

Enviados a Aragão os doutos embaixadores João Velho, João Martins e Vasco Peres, estableceram-se ali as linhas gerais do consorcio e, a vinte e quatro de abril de mil duzentos e oitenta e um, eram finalmente assinados os respectivos diplomas.

Cêrca de nove meses depois realisára-se em Barcelona o casamento «por palavras de presente»; e tendo-

[Lisboa: Imp. Lucas, 1915?]

se despedido Izabel da patria e da familia, atravessára a Espanha com um séquito luzidíssimo, até que chegou á fronteira deste belo Portugal.

A jovem e gentil rainha vinha assás fatigada e não pouco lacrimosa.

E' que a jornada fôra aspera e longa, e trazia na retina as doces imagens dos proprios pais e irmãos.

Em Bragança, D. Izabel era aguardada pelo infante D. Afonso, que, depois de saudá-la com profundo acatamento, ajuntára os seus trezentos cavalos aos da escolta da rainha, seguindo todos, depois, na direcção de Trancoso, onde el-rei a esperava acompanhado da sua côrte.

*

— Söis contente, real senhora e cunhada, da vossa vinda para esta terra, que terra vossa é?

— Sim... sim, senhor infante e irmão.

«Tenho de Portugal os informes mais lisongeiros.

«E comquanto o separar-me da familia me magoasse em extremo, espero em Deus, encontrar na vossa patria a justa compensação do meu grande sacrificio.

Ah! como se enganava a adoravel princeza!...

Porque o primeiro a amargurar-lhe a vida fôra esse mesmo cunhado que a acompanhava a Trancoso, onde a aguardava num extremo fernesi o apaixonado esposo... tão sensivel como voluvel!

— Afastai as vossas mágoas senhora irmã e rainha.

«Em Portugal ides encontrar tal mésse de ventura no amor de D. Diniz e na amisade de vossos súbditos, que certamente se extinguirá a saudade que vos molesta assás... em guisa do suplicio.

Izabel d'Aragão respondera comovidamente ao infante, que não se cançava em ministrar paliativos á funda nostalgia que de sobra a torturava.

E ao cabo de curtos dias duma jornada dificil, a cavalgada avistára a muito antiga Trancoso, que esfumava a pradaria como nimbo em ceu de verão.

*

D. Diniz, com os próceres da sua côrte e varios outros magnates, correra ás portas do burgo a receber a rainha, que beijára na fronte e abraçara com ternura.

E após os cumprimentos das gentes das comitivas,

dirigiram-se pāra o paço, onde se realisára depois um solene beija-mão.

. . . . . .

As bençãos nupciais seguiram-se, com estrondo, no templo abacial do velho burgo beirão.

Houve mômos, dansas, descantes, canas, torneios, fogueiras, toques de sinos, vinhos, licores, e abundancia de viandas.

Depois... emudeceram alcancaras, abubes, e agrimusas; deixou de sapatear a mocidade plebêa; apagaram as fogueiras de pinho e rosmaninho; calaram-se os graciosos bufões; e reduziram-se ao mutismo os maviosos menestreis.

Mas... o que originára este silencio brusco, depois de tanta alegria, bulicio e regosijo?

E' que suas reais mercês haviam resolvido retirar-se para Lisboa, em cuja alcáçova viveram depois ligeiros anos de uma grande felicidade... de uma inolvidavel e ininterrupta ventura.

*

Já cinco anos se tinham passado depois do casamento de Diniz e Izabel, e ainda a corôa não tinha herdeiro, a despeito das conveniencias do reino e dos desejos sempre crescentes dos dois jovens desposados.

Os fisicos já falavam na esterilidade da rainha, e D. Diniz — que se arrepelava, quando pensava na possibilidade da sucessão por parte de D. Afonso, sentia revoltas intimas, que só se amainavam ao passar-lhe pelo cerebro a consoladora ideia da procriação de um bastardo.

— Somos muito infelizes — dizia ele, certa manhã, á esposa, ao contemplarem da alcaçova o estuario do Tejo.

— Como assim, Diniz?

— Pois não vês que cinco anos são passados, sem que haja o herdeiro de que o trono necessita?

— Não nos desanimemos, meu amigo.

«Deus escreve direito por linhas tortas...

— D'esta vez, são tortissimas estas linhas.

— Não deves blasfemar.

— Onde está a blasfemia?

«Recordo simplesmente a ausencia da rectidão dessas linhas de que falaste.

— Sabes?

— Dize o resto.

— Mestre Martinho — o fisico — aconcelha-me mudança de ares...

— E' esse o meu pensamento.

«Mudança de ares e aguas talvez fizesse o milagre...

— Assim mo asseverou o mestre

— Pois transfiramos a côrte para a beira do Mondego. «Gostas de Coimbra, minha adorada Izabel!

— Muito... muito, meu Diniz!...

— Pois bem.

«Dentro de quinze dias deve estar feita a mudança.

— Ah! que goso vamos gosar nessa terra feiticeira que o Mondego oscula?!...

— Sim... sim, Izabel.

Eu... cantando á turba doces canções provençais: e tu... fiando com tuas damas o linho das nossas teias, que já ocupam cem arcas.

E beijaram-se eternecidamente, ao som do forte barulho das vagas azues no Tejo.

. . . . . .

São passados vinte dias.

Na velha alcáçova mourisca já não soam doçainas, arrabis, e espinetas. Os trões já não fazem ouvir os seus ditos descompostos.

Estrugir de corceis e clangores de trombetas, já não despertam ninguem, quando, á hora da madrugada, a pobre ralé dormia e os senhores iam para a caça.

Como nas galilés, nos velhos paços reais reinava fundo silencio.

Ao contrario em Coimbra — havia grande bulicio. como nos tempos passados em que fora capital.

E' que a luzida corte do jovem ***rei trovador*** acabava de fixar-se na cidade dos doutores.

D. Diniz e a rainha esperavam dos ***novos ares*** o herdeiro que almejavam num crescente desespero.

Ah! mas o tempo ia passando, e nem os ares nem as aguas operavam o milagre!...

E ao mesmo tempo que Izabel confiava no favor celeste e D. Diniz via perdida a esperança que lhe restava, — o infante D. Afonso exigia tais concessões, que muito irritavam o grande ***rei lavrador***.

Não contara ele, o infante, com os ardis do irmão, o qual, apelando para o logro, tivera em vista o livrar-se da guerra, e defender os interesses do trono, que era seu — mas muito seu — pelo direito da herança.

. . . . . .

— Real senhora — dizia um dia á rainha o muito entendido fisico de sua real mercê.

«Não é tempo ainda para desesperos.

«Ha exemplos de largos anos de inconcepção, que depois resolvera numa sã fertilidade.

— Ah!...

— Sois mui lida, senhora minha; e, portanto, sabeis o que se dera com Sára, companheira de Abrahão.

— Sim.

«Sendo esteril...

— Oferecera ao esposo uma escrava egipcia, que tinha o nome de Agar; e, uma vez fecundada, nascera Ismael, pai que fora de doze filhos, de quem descendem os arabes.

— Isso é, mestre Martinho.

— «Depois... Ismael e Agar foram expulsos de casa, quando Sára deu á luz o primogenito Isaac.

— Exactamente, real senhora.

«E — perdidos no deserto — valeu-lhes um querubim, quando o filho d'Abrahão ia morrer de fadiga.

— Assim é, mestre Martinho, se acaso não está em erro o *Antigo Testamento*.

— Portanto, senhora minha, o exemplo da antiga Sára é que nutre a minha esperança.

— O Supremo Senhor vos ouça!...

— Ha de ouvir-me, real senhora.

«Porque *Aquele*, que em Ourique, mostrou as chagas a Afonso, só tem em vista pôr á prova a vossa grande resignação. «Não havemos, pois, motivo para quaisquer desesperanças;

D. Izabel tomára um farto hausto d'ar e ficára satisfeitissima com as palavras do mestre.

— Ah! mas os dias iam passando, sem que houvesse um rebate da agradavel *previsão*.

— Será isto, meu Deus, o castigo dos meus pecados? — interrogava-se, em soliloquio, a fanatica Izabel, recordando-se dos cilicios que em pequena cingira.

E refugiava-se na contemplação das coisas do Em-

pirco, se não procurava alivios nas misticas perorações dos frades e confessores!

. . . . . .

A seu turno, D. Diniz chegára ao ultimo grau de desespero e descrença.

Tudo, menos o scepiro na mão de D. Afonso, por quem sentia agora a mais viva repulsão.

— Real senhor! — disséra-lhe o antigo aio Nuno Martins Chacim:

«Bom remedio haveis vós, no sentido de um sucessor...

— Como assim, Nuno Martins, amigo?

— Pois nunca passaria pela vossa sabia cabeça, uma idéa semelhante á que acabo de ter?!...

— Mas dizei o resto, por Deus!...

— E' que o vosso mal, real senhor, não é um dos males incuraveis.

— Como?!

— Não é... não é, senhor meu.

— !!!...

E entrando em confidencias:

— Sabeis bem, real senhor, que qualquer moça bem nascida, se argulharia com ser mãe dum vosso filho bastardo.

— Já me lembrei disso, meu caro Nuno Chacim.

— Ah!...

— Porém, o amor que consagro á rainha e o receio de magoa-la, procurando uma manceba, tem-me obrigado a um certo retraímento, que não casa, afinal, com os interesses do trono.

— De nenhum modo, senhor.

E ao ouvido de D. Diniz:

— Passando-se isto em segredo, como é que a rainha se havia de melindrar?

— Dizeis bem, Nuno Martins.

«O nascimento dum bastardo já que Izabel é estéril, seria um grande remedio contra a pena que me tortura.

— Mãos á obra, real senhor!...

— Quem ha de falar á manceba, que deve morar a distancia destes paços de Coimbra?

— Eu.

— Vós?!...

— Já respondi, senhor meu.

— Conheceis alguma que se preste a ser minha favorita?

— Quantas quizerdes, real senhor!...

E num impudor nojento:

— Não tenho filhas: Se as tivesse, muito honrado ficaria com ser avô dum filho vosso.

— !!!...

— Mas não temos nada perdido...

«Porque D. Aldonça Rodrigues, ou D. Grácia de Frois — ambas de boa linha — certamente folgarão em ser mães de vossos filhos.

— D. Aldonça?!...

«Será acaso D. Aldonça da nobre casa dos *Telhas?*

— Exactamente, senhor meu.

— Conheço-a. . e gosto dela. «E D. Grácia de Fróes?

— E' uma gentil donzela, da Ribeira de Santarem.

E após curto silencio:

— D. Aldonça tem tal afecto por vós, que só canta á espinêta as vossas ternas canções.

— Praticais com as donzelas?

— Vastas vezes, real senhor.

— !!!...

— Ah! e quão gentis elas são!...

— Pois bem. Encomendo-vos, Nuno Chacim, o trato de tal negocio.

— Ainda hoje poderei falar a D. Aldonça Rodrigues.

— Silencio... muito silencio!...

— Sei ser prudente, senhor!...

— Que D. Izabel nem sonhe similhante coisa!...

— Fica tudo entregue ao meu tino e discrição.

— Onde demora o solar?

— A meia milha daqui.

— Tem familia, D. Aldonça?

— Dois irmãos, simplesmente.

«Por sinal bons cavaleiros, senhor!

— E seus pais?

— Morreram ha muitos anos.

E com um sorriso velhaco:

— Os irmãos... se fôr do vosso real agrado, poderão receber *pitança* como fidalgos da côrte...

— Lembraste bem, meu amigo.

— Pois fica tudo combinado, real senhor e meu amo.

«E se vossa real mercê me não mandar o contrario, irei pôr-me na direitura do solar de D. Aldonça.

— Sim... sim... ide Nuno Martins, que mercê vos será feita, como justo galhardão.

— E' tal a grandeza da vossa munificencia, que não me surpreende a promessa acabada de fazer!

. . . . . .

Alguns minutos depois deste nojento dialogo, o conselheiro-rufião montava um rijo quadrupede, e seguia na direcção do antigo solar de Telhas.

*

O nauseabundo valido Nuno Martins de Chacim não se havia enganado, — graças ao grande impudôr que já grassava naqueles tempos entre as gentes aristocratas.

E' certo que em todas as épocas, fidalgos houve que procederam por um modo exemplar; porém, tais excepções foram sempre tão diminutas, que muito mal se distinguem nas podridões palatinas.

Grácia Fróes, Aldonça Telha e respectivos irmãos, tiveram um grande alegrão ao saberem, pelo valido, das pretenções do monarca!

O imundo mensageiro engajára a breve trecho as historicas concubinas; porém não usara da necessaria cautela, porque dentro de breves dias o segredo estava rôto.

. . . . . .

D. Diniz ficou louco de prazer quando — num dos mezes da primavera de mil duzentos e oitenta e oito — a sua amante D. Aldonça Rodrigues Telha o presenteára com um bastardo, a quem na pia batismal deram o nome de Afonso.

E tal fôra a alegria do rei, que a rainha — sabida a causa — caíra logo no leito, depois de ter pranteado a sua enorme desdita.

Debalde seu irmão Bastardo, D. Frei Sancho, lhe pedira resignação; porque Izabel, amando muito o esposo não podia com o ciume que lhe infernava o espirito.

A seu turno frei Martim Scola, frei Afonso Rodrigues, Berengario de Mouroch, frei Pedro Sanches, e as suas damas d'honor auguravam-lhe o nascimento desejado herdeiro; porém ela, mais que nunca descrente, atribuia aos seus pecados o que vinha a suceder-lhe!

Pecados?

Que enormissima loucura!...

Pecados — ela — que fôra filha humilde e amorosa; irmão amiga dedicada; esposa amante, fiel, e modelar; crente, até ás rais do fanatismo; e tão compadecida e caridosa, que a pobreza tivéra nela o refugio nas suas mágoas... a bonança nos dias da procela... e tal mánancial de esmolas, que muitas vezes o soberano lhe pedira moderação!

Pelos anos mil duzentos e noventa, *Deus*... o *Destino*... o *Ignoto* — esse *misterioso Poder*, emfim, cuja existencia presentimos, mas não sabemos explicar, — levára ao coração da rainha uma réstia de luz, que ainda havia de converter-se num intenso clarão.

E' que Izabel déra á luz uma infanta, formosa como a mãe... gentil como os amores...

D. Diniz — seduzido pelos afagos do bastardo Afonso Sanches — recebera friamente a *nova* do nascimento da filha; — nascimento que *engulhára* de impudica D. Aldonça Telha, porque já via no filho o sucessor do soberano!...

. . . . . .

— El-rei está contente com o nascimento da infanta? — preguntára ela a Marco Peres, pagem e confidente da sual real mercê.

— Nem por isso, senhora minha.

«De resto... sabeis melhor que eu do sentir do senhor rei

— Estéril... e deu um filho?!

— Milagres da Providencia.

— Quais milagres, Marco Peres?!...

«Quando uma terra é sáfara, não ha sementes que peguem.

— Quereis dizer que a pequena infanta não é filha dos nossos reis?

— Quem sabe?... «Quem sabe amigo meu?

Marco Peres não respondera.

Limitara-se a receber da mão da concubina, mais uma das valiosas prendas com que ela o regalava.

E o bandido — ruminando a insidia da perversa Messalina — ficára a urdir um vil enredo, a que ela se associara com aquela desfaçatez que deriva do impudôr!...

. . . . . .

No dia oito de fevereiro de mil duzentos noventa e

um, era tudo festas nos velhos e reais paços da cidade de Coimbra.

Cavaleiros, partiam a toda brida em diversas direcções; os sinos repicavam; soavam instrumentos; enxameavam o povo em frente da antiga alcaçova; discursavam os truões; tudo era regosijo, emfim, e todos se felicitavam, em razão do nascimento do legitimo sucessor.

D. Izabel — na sua cama de quatro *almadraques*, *cocédras*, *cobertores*, e um fofissimo *alifafe*, — descansava dos dolorosos trabalhos puerperaes, ao mesmo tempo que o fisico dava as suas ordens ás damas Joana Peres, e Estevainha Martins.

As outras aias — Marqueza Rodrigues, e Urraca Vasques — lavavam numa bacia de ouro o real pimpolho; cujos incessantes berros muito lhes deram que entender.

D. Diniz observava a scena com um prazer ficticio, pois que no seu espirito havia sómente logar para o exagerado afecto consagrado a Afonso Sanches.

Entretanto representava a primôr o seu papel, sem que o trahísse um só instante o que de verdadeiro sentia pelo filho da barregã.

D. Izabel não cabia em si de satisfeita e feliz.

Deus ouvira as suas suplicas, porque já dispunha o trono do almejado herdeiro.

E se bem que o espinho do ciume a alanceava ainda, certo era igualmente o fiar do seu Afonso grandes dias de prazer.

Ah! como a enganavam as suas róseas esperanças, que um futuro assás distante converterá em torturas...

. . . . . .

D. Diniz estava agora copiosamente prolifico.

Após Afonso Sanches, a infanta D. Constança; depois desta, o herdeiro D. Afonso; e após este, o conde D. Pedro, filho de D. Grácia, da Ribeira de Santarem.

Outros filhos tivera el-rei de diferentes barregãs, com escandalo dos palatinos e até da própria plébe.

D. Izabel já se resignára com os excessos do esposo, que, afinal, lhe protestava a toda a hora o mais vivo e intenso amor.

Empolgado pela amante D. Aldonça, e fascinado pelo

filho Afonso Sanches, era uma especie de *péla*, nas mãos da impudica manceba e do insolente bastardo!...

. . . . . .

Marco Peres — o pagem — fôra correndo, ao solar, como mensageiro da *nova* que vimos de referir.

A barregã — logo que o pagem falou — ficára como uma furia... como cadela raivosa.

— O soberano está satisfeito? — preguntára-lhe ela, de golpe, e tremendo como um nevrotico.

— Quem pode senhora minha, penetrar no coração duma pessoa qualquer?

«No entanto, creio eu, que ficou estarrecido ..

— D. Diniz só ama um filho!...

— Eu o sei... «Eu o sei mui de raiz...

— E ha de ser e se o monarca de Portugal...

— Assim o penso, e desejo.

— Porque Afonso Sanches é portuguez inteirinho, sem mancha de aragonez.

— E' isso um facto, senhora.

— Depois... quem sabe lá que misterios se terão passado na alcôva da rainha?...

— Pode ser... não o nego...

«Sim... é claro... Quanto mais beatas...

— Ainda bem que estais comigo, amigo meu.

— Estou sempre com a razão.

— E D. Izabel que diz do meu querido Afonso?

— O que ha de dizer dum *infante* que não pariu?...

— Pois ha de pagar com juros todos os danos que lhe deseja...

E erguendo-se de chofre:

— Dizei-me, Marco Peres, sois amigo leal?...

— Que pregunta, senhora minha?!...

«Taes preguntas não se fazem...

— Pois muito bem, meu amigo:

«Sois capaz de auxiliar-me numa futura vingança?

— Estou aqui de corpo e alma para ser vosso humilde escravo.

— Ora escutae-me, Marco Peres... mas imploro segredo.

— Será pedra caída no pôço...

«Podereis crêr na minha *honra*.

E assentando-se novamente sobre um co modo preguiceiro:

— Como sabeis, toda a gente se convenceu que a rainha era infecunda.

— Não sofre duvida, senhora.

— Mas veiu á luz uma infanta... que pensei não ter sido gerada e parida por Izabel.

— Tambem depois o supuz, minha senhora e amiga.

— Todavia... valha a verdade: o nascimento do novo filho é a prova mais completa de que a rainha é fecunda.

— Sim... sim, senhora minha.

«Se a soberana não concebesse e mistér lhe houvesse sido um ardil, certamente teria desde logo ***adquirido um mocinho***, e nunca a pequena infanta, que é fraquita e mui doente.

— Assim penso, Marco Peres.

«Porém... sejam ou não sejam filhos de el-rei, eu penso em ***conquistar*** a corôa para meu filho Afonso.

— Explicae-vos senhora, e contae com o fraco auxilio deste vosso servidor.

Aldonça Rodrigues Telha estava rubra de inveja.

Depois, erguera-se nervosamente e revistara o salão; que não estivesse alguem a escutar o dialogo.

— Vou pois, dizer-vos o que desejo; — prometera ela, abeirando-se do confidente.

— Sou todo ouvidos .. começae.

— Dizei-me: desejaes ouro... muito ouro, que vos farte?

— Ai! que pregunta tão infeliz!

«Sou mais pobre que Job e o meu oficio de pagem nunca ha de enriquecer-me.

— Tereis ouro com abundancia. Mas...

— O que, senhora?...

— Necessito do vosso serviço em favor d'Afonso Sanches.

— Já vos disse que sou todo vosso d'alma e corpo.

— Ainda bem.

«Ah! mas silencio... absoluto silencio!...

— Contae com ele.

— Silencio de galilé!...

— Percebi de mais, senhora minha.

— Ora dizei-me...

— Preguntae.

— Qual é o nome do pagem da rainha D. Izabel?

— Ramiro Sanches, senhora.
— Ah !...
— Creio que d'Hespanha veio, e que é de sangue real.
— A sua edade Marco Peres ?
— A minha ?
— Não. «A desse pagem, de quem estamos a falar.
— Uns vinte anos, talvez.
— Boa idade...
«E' a idade das audacias, das loucuras e seduções.
— Se é... se é, senhora ? !...
— A rainha destingue-o no meio dos outros pagens ?
— Muito... muito, senhora minha !
— Qual é o seu aspecto ?
«Gentil... Desgracioso... baixo... alto... meão ?
— E' formoso como um cravo... alto como um pinheito... e valente como um touro.
— Ah !
— D. Diniz vae armal-o cavaleiro !...
— Não armará...
— Porquê, senhora ?!...
— Segredos... que mais tarde conhecereis.
E fizera-se um ligeirissimo silencio, que fora inesperadamente interrompido pelos gritos duma creança e por enorme borborinho.
— E' a voz d'Afonso Sanches ! — exclamára a Messalina, correndo nervosamente para além da ampla quadra.
«Que aconteceu a meu filho ? — preguntára a uma aia, que o garoto endiabrado enchia de pontapés.
— Senhora : Vosso filho D. Afonso foi agora derrubado por um dos cães da matilha.
«Mas não houve nada, senhora...
«Nem um pequenino ferimento.
— Ainda bem... ainda bem !...
— Agora o pobre cão é que ficou sem um olho !...
— Ah !...
— O menino D. Afonso rasgára-lho com um bolhão, que podera desencantar !...
Aldonça Telha sorrira-se satisfeitissima.
E' que o pequeno bastardo ia dando soberbas provas de um futuro carniceiro !

. . . . . .

Qual fôra o segredo confiado a Marco Peres, e a espécie de auxilio que D. Aldonça lhe rogára, ha de sa-

ber o paciente leitor no decurso desta tosca mas mui veridica narrativa.

Por emquanto, embarquemos na galé do tempo, e sigamos a derrota dos varios cyclos da Historia.

. . . . . .

Estamos pelos meados do ano da graça de mil trezentos e vinte.

Nesta epoca já tinham terminado as desordens entre D. Diniz e seu irmão legitimo o infante D. Afonso.

Já tinham sido fundadas as ***Escolas Geraes de Lisboa***, que haviam passado para Coimbra com o nome de Universidade.

Já tinha sido separada a ordem de S. Tiago da cega obediencia ao grão-mestrado d'Hespanha.

Já o papa Clemente V havia dissolvido a ordem dos ***Templarios*** amedrontado pela sevéra atitude do cruel Filipe, o ***Belo***.

Já D. Diniz tinha castigado dois monarcas de Castela, invadindo-lhes os seus estados e produzindo-lhes ruinas.

Já tinha dilatado os seus dominios, e semeado mil beneficios nos campos da instrução, do comercio e das industrias.

Já tinha promulgado muitas e sábias leis, como o concurso das côrtes convocadas em Lisboa, na Guarda e em Guimarães.

Já tinha reedificado e fortalecido quarenta e quatro vilas, e reparado alguns castelos.

Já tinha, finalmente, dado o melhor dos seus esforços aos progressos do paiz, quando seu filho o herdeiro — rodeado de bandidos — desfralda contra o pai o alferena dos revoltosos!

D. Diniz — em face da atitude do filho — sentira estuar em si o inferno das aversões.

E envergando nervosamente a resistente armadura, fizera soar as trombetas para uma luta vigorosa... para uma guerra sangrenta.

D. Izabel — já torturada por mil desgostos e ciumes — recebera no coração um desses golpes tremendos, que só póde avaliar quem uma vez os sentiu.

E dirigia-se ao filho.

Era uma luta sacrilega... uma pugna tão hedionda, que havia de acarretar-lhe o nome de canibal!...

— Vence as tuas iras! — rogava a santa rainha, beijando-lhe a face dura, que inundára de pranto.

— Como?!...

«Vencer as minhas iras, querida mãe e senhora?!...

— Sim... sim, Afonso!...

— Pois ignorais os escandalos praticados nestes paços?! «Pois não vêdes a petulancia do bastardo Afonso Sanches?!...

«Pois não sabeis, senhora e mãe, que o bandido cobiça o trono, e que meu pai lhe alimenta esta infame pretenção?!... «Sofrear a minha cólera?...

«Oh! nunca! nunca, senhora mãe e rainha!...

— Filho querido, atende-me e segue por Deus a linha dos meus sinceros conselhos!

— Dizei... dizei, minha senhora e mãe.

— Dirige-te mansamente a teu pai, e pede-lhe que afaste do paço o filho de Aldonça Telha.

«Depois... vive em santa paz com ele.

«Resigna-te, como eu já me resignei, com o que praticou e pratica numa cegueira crescente...

«O teu logar de herdeiro só a morte poderá tirar-to... mas tu és moço e forte como os robles colossais. Por ser moço e forte, é que o bandido apelou para um veneno mortifero!

— Esquece tudo, meu filho, e trabalha junto a mim, no empenho de afastastarmos o bastardo, cuja presença abomino.

— Mas el-rei, certamente, não cederá aos meus rogos...

— Experimenta, meu filho, e põe de parte a triste idéa duma peleja sacrilega!

. . . . . .

D. Afonso experimentou.

Ah! mas D. Diniz estava surdo, tanto para as suplicas da esposa, como para os rogos do filho... e seu legitimo herdeiro!!!...

E fora inevitavel a peleja!

D. Pedro — filho de Grácia Froes — seguira o balsão do infante; sofrendo, por tal motivo, a ira do rei e pai, e as intrigas de Afonso Sanches... incessantes e venenosas!...

. . . . . .

A guerra estalára, pois.

Inimigos do petulante bastardo... homens zangados com os excessos do rei... foragidos das justiças realengas e dos coutos... fidalgos despeitados com os sucessos da côrte... e plebeus — emfim — honestos e scelerados seguiram a alferena do infante D. Afonso, nessas pugnas bestiais que macularam a Historia.

Depois... a turba numerosa, irada, e heterogénea, percorrera o Norte do reino, talando e saqueando os diversos povoados.

De seguida dirigira-se a Leiria... conseguira entrar em Santarém.. p ssára em Torres Novas e Tomar... caíra sobre Coimbra... marchára sobre Lisboa... e — após varios recontros com a hoste de D. Diniz — o infante fortificára-se em Cintra, donde enviára ao monarca uma atrevida proposta.

D. Diniz e Izabel estavam então alojados na terra do Lumiar.

O enviado do herdeiro uma vez ali, dirigira-se a D. Diniz, munido de um pergaminho.

— Quem és tu? — preguntára-lhe este, com a face nublada.

— Um cavaleiro da hoste do infante vosso filho.

— Ou antes um bandoleiro da quadrilha do rebél.

— Como quizerdes, real senhor.

— Mas... que pretendes tu?

— Sou portador de um recado.

— Qual é ele?

— Vêl-o-heis escrito neste pedaço de pele.

E, ao mesmo tempo passára ás mãos do rei uma laconica escritura.

D. Diniz lera e relera o conteudo da folha.

E, á medida que ia lendo, aumentavam se-lhe as crispaturas e sentia-se indignado.

— Onde está o trédo? — preguntára ao emissario, entaramelando-se-lhe a lingua.

— Em Cintra, senhor meu.

— Pois bem.

«Dizei-lhe que li e reli esta série de necessidades.

— !!!...

— Que é um filho perverso!...

— !!!...

— Que não me humilharei nunca ás suas vis exigencias!...

«E que os bandidos que o rodeiam ha de vêl-os pernear nas ameias dos meus castelos.

— Senhor!... Bandidos não!

— Emudece, miseravel, se não queres que te atravesse com a lamina desta espada!...

— E' que, na hoste de D. Afonso tambem se encontra o honrado conde D. Pedro.

Esse... é um simples sonhador, que se deixou atrair pelos afagos do irmão desobediente.

E fizera-se um silencio passageiro.

D. Izabel ouvira tudo.

Depois o monarca continuara, de terrivel catadura:

— Dize ainda ao infante insubmisso, que a minha resposta é esta...

E rasgara em bocadinhos o pedaço de pergaminho.

— Vai agora, scelerado, reunir-te aos da quadrilha.

«E se direito vais sair da beira do teu rei, é porque quero que digas ao rebél a guisa como tratei a missiva e o emissario. Desaparece handido!... Vai...

E o cavaleiro esporeára o corcel, metendo a trote na direitura de Sintra.

*

— Que *novas* trazes? preguntara-lhe o herdeiro. que já o aguardava numa extrema impaciencia.

— Más! Muito más, senhor!

E o emissario transmitira-lhe o ocorrido no sitio do Lumiar.

— Meu pai enlouqueceu! — troveja o infante, com faiscas no olhar.

«Ah! aquele filho miseravel da maldita barregã?!...

«Viste o despresivel bastardo?

— Não o vi, real senhor.

— O infante é um poltrão:

«Teme o gume da espada; e não entrou na hoste com receio de afontra-lo.

— Socegai, senhor irmão! — implora o conde D. Pedro, aproximando-se do grupo com sinais de grande dó.

— Ah! sois vós, senhor irmão e amigo?!

— Ouvi tudo, real senhor!

E assentando-se num escabelo:

— Deploro o sucedido: Tanto por vós e por vossa

santa mãe, como por D Diniz, nosso pai e senhor, que está — a meu ver — como que entontecido!

— Sabeis?... Rompeu a respeitosa missiva que escrevestes, e que eu lhe mandei por um proprio.

Paciencia, real senhor.

«Ah! é tal a cegueira pelo *valido*, que não antevejo o extremo a que a pugna chegará!...

— Ha de chegar até á morte do intrigante, se nosso pai e senhor o não enxotar do reino.

*

Quando o grupo se espraiava em diversas considerações, abeirara se do infante um portador da rainha.

— Real senhor e meu amo! — começara ele, com um profundo salamaleque.

«A rainha minha senhora, e vossa santa mãe, envia-me a dizer-vos que el-rei vosso pai, e meu senhor, a caminho vem deste vosso acampamento.

— !!!...

— Evitai mais scenas de sangue, senhor infante e meu irmão.

— Devemos, então, fugir?!

— Não fogem cavaleiros e peões que não sabem recuar!...

— Mas a vossa proposta?!...

— É o meio de fazeres ver a el-rei que ainda o respeitais, apesar dos grandes agravos que dele haveis recebido.

— Para que sitio será prudente caminharmos, senhor conde e meu irmão?

— Para a terra do Lumiar, de onde deveremos seguir depois para a alcaçova de Lisboa.

— Bem pensado, meu bom irmão e amigo. E, no Lumiar, poderei ver e falar com a minha santa mãe.

— Exatamente, real senhor.

— Depois... estamos tão carecidos de recursos?!...

— Que a rainha, minha senhora, mais uma vez vos dará.

— Pois seja tudo como dizeis, senhor conde de Barcelos.

— Em tal caso... a caminho!

— Sim... a caminho, que já se ouve o clangor das trmobetas de D. Diniz.

E partira para a terra do Lumiar a horda heterogenea do infante rebelão.

. . . . . .

D. Izabel como que adivinhava os pensamentos do filho.

Quando o avistara, munira-se do seu celebrado bordão, e fôra ter com ele ao centro da sua *hoste*.

— Resigna-te filho, e submete-te — lhe implora ela chorando. «Deus, que tudo manda, fara depois o resto.

— Submeter-me, eu... que sou legitimo queixoso ?!

«Ah! como ficaria pequeno á face destes reinos, e como aumentaria a petulancia do filho de Aldonça Telha ?!...

— Deus emendará tudo, querido filho da minha alma!

— Deus não se intromete nestas infamias terrenas, e mórmente quando os vermes as promovem e avolumam

— Mas o Supremo Senhor os punirá, meu adorado Afonso!...

— Desejo poupar a Deus tal trabalho, senhora mãe.

— Quereis dizer que vais continuar nesta contenda sacrilega ?!...

— Emquanto o bastardo maldito se encontrar entre nós. «Tanta arrogancia, real senhora, merece um duro castigo.

— Mas não vês, filho, que vais vitimando tambem, grande copia de inocentes ?

— E quem acirra, senhora, o meu odio irredutivel?...

«Ah! quando os pais são injustos com aqueles que geraram, a submissão acaba por converter-se em rancor. Sim. E não condeneis, senhora mãe e rainha, estes meus desvairamentos, que são vergonteas legitimas dum desvairamento maior.

E irromperam novas lagrimas da pobre mãe aflita, como resposta eloquente ao *libelo* do infante.

. . . . . .

— D. Afonso — abraçada a mãe, que lhe dera alguns recursos — fôra acampar em *Abogas* — antiga e pequena povoação das bandas do Lumiar.

D. Diniz — sempre rispido e enfurecido — não tardara em aparecer-lhe, á frente da sua hoste.

Então o infante correu a Coimbra, emquanto o monarca se metia em Santarem.

De parte a parte não havia desejo dum encontro decisivo. Ah! mas D. Izabel nem por isso sofria menos.

E como D. Diniz suspeitasse que a rainha se ***entendia*** com o infante, privára-a das rendas das suas vilas, mandando-a de seguida para Alemquer, onde a desolada senhora permanecera por algum tempo!

Fôra isto uma espécie de desterro, como punição do grande amor que a rainha dedicava ao seu legitimo filho!

Que ininterrupta série de incriveis monstruosidades!

Todavia D. Izabel respondêra com o perdão á bruteza do esposo.

E — uma vez saída do seu auxilio — correra ao Norte, com o desejo de pacificar D. Diniz e o infante, que se encontravam em nova luta muito viva e rancorosa.

Ah! mas nada conseguira a boa, santa e adoravel D. Izabel de Aragão!...

*

D. Afonso parecia um ciclone!

Depois de tomadas por traição Coimbra, Montemor, Gaia, Feira e Porto, sitiára Guimarães, onde encontrara contra si a lealdade e heroismo do antigo e honrado alcaide Mem Rodrigues de Vasconcelos.

Estava o infante resolvido a abandonar o assédio, quando a atribulada rainha lhe aparecera na sua tenda acompanhada gor um pagem e duas damas de honor.

— Filho!... Filho que me matas! — exclamára ela, sufocada pelo pranto.

E ao conde D. Pedro, que a contemplava numa grande comoção:

— Senhor conde de Barcelos: Por Deus, auxiliai esta pobre pecadora, chamando a bom caminho tanto o filho como o pai.

— Real senhora: Esse é o meu desejo.

«Ah! quantos bons conselhos não hei dado a vosso filho e meu irmão?!...

«Entretando, D. Afonso, deve ser revelado por ter combatido o rei, pois que este, em conscincia, tem sido simples ***péla*** nas mãos de Afonso Sanches!...

«A ira de vosso filho, real senhora, é o natural efeito do favor escandaloso concedido a um bastardo!...

— Sois um homem de coração e cérebro, senhor conde de Barcelos...

— Sou um vosso leal amigo, que muito deplora o vosso intimo desgosto.

— Quereis acompanhar-me á presença do soberano?

— Com mil vontades, real senhora.

— Pois vamos... vamos, senhor conde.

— Mas que D. Afonso ignore estas nossas combinações.

— Não vistes como nos deixou aqui, para correr ao castelo que pretende submeter?

— Sim... é certo... senhora minha.

— Pensa unicamente na guerra!...

E limpando as lagrimas a um sudario de linho:

— Desejo, senhor conde, dizer adeus a meu filho.

— Vou pedir-lhe que venha receber a vossa benção, real senhora.

— Afirmar-lhe-heis que desejais acompanhar me até á vila de Alemquer. Porque, deste modo, justificada fica a vossa ausencia deste cerco de Guimarães.

E o filho de Grácia Frois corrêra a chamar o infante que, de seguida se despedira da rainha num prolongado amplexo... num abraço de ternura.

*

D. Pedro — trovador mavioso, e nobre conde de Barcelos — auxiliara com tal arte a virtuosa rainha que, a breve trecho, ficavam congraçados o pai com o irmão.

Corria o ano de 1322. A paz — segundo historiadores antigos — estipulara-se de modo que o infante, uma vez despedidos os sequazes malfeitores, receberia Coimbra, Montemor, Gaia, Feira e Porto, além dum avultado acrescimo nos seus grandes *prestimonios*. E depois de juradas tais clausulas, pelo infante, na igreja de S. Martinho de Pombal; e, pelo rei, na de S. Simão de Leiria, dirigiram-se outorgantes e testemunhas para o castelo desta vila, onde pae e filho deram o osculo da paz, com grande prazer da rainha, que chorava de comoção.

. . . . . .

E Afonso Sanches?

Esse — a rogos de D. Diniz — já se havia retirado para a sua vila de Hespanha, onde se conservára por pouco tempo, pois que o apertavam saudades do seu

dominio no reino, como que se fóra o soberano... o seu legitimo senhor!...

*

A terna e virtuosa rainha D. Izabel d'Aragão tivéra, enfim, ensejo de descansar um pouco, de *parte* das amarguras que lhe alanceavam o coração de mãe amante e de esposa, por mil titulos, respeitavel e modelar.

Ah! quantas vezes, quantas! — ela não pedira no seu genuflexorio — com os olhos cravados na imagem dum Nazarêno — o termo duma existencia, de comêço feliz descuidosa e serena, e agora túmida de travores, de cuidados e torturas?!...

Não ha ninguem que não tenha destino a cumprir.

A santa rainha de Portugal estava ainda guardada para novas provações.

Os maus fados não largavam a sua presa, quase exausta de pranto para derramar, e de força para fazer face á sua eterna canceira!...

Pobre mãe... pobre esposa... e desventurada rainha!

*

Era decorrido um ano depois da paz de Leiria.

Afonso Sanches — o bastardo — ausentara-se da sua vila de Albuquerque; e com ou sem licença de el-rei, regressára a Portugal com irritante ousadia.

Depois... dirigira-se a Lisboa — onde a côrte se encontrava — ocorrendo entre ele e o pai as expansões mais pateticas.

— Acabou o teu degredo! — exclamára el-rei, abraçando-o com engulhos dos parciais do infante.

«Ah! Grande falta me fazias nos negocios destes reinos, que vão progredindo hora a hora, como é do meu desejo.

— Rial senhor e pai, eis-me a vosso lado, para auxiliar-vos em tudo quanto caiba nas minhas forças.

— E's um filho obediente, dedicado e bom. Os outros...

E calára-se de presto, porque aparecera de subito na sua figura herculea, altiva e magestosa, o muito honrado D. Pedro, nobre conde de Barcelos.

— Os outros, real senhor o meu pai... os outros, só vos desejam o bem estar, e a paz inquebrantavel desta nossa pobre terra.

— Ah! estavas aí, Pedro?

— Assim é, rial senhor.

«Venho dizer-vos que, se me não ordenares o contrario vou sair para Alemquer, onde me chamam negocios que não posso abandonar.

— Sim... sim... vai!

«E que nos teus lazêres, te não olvides de idear algumas trovas, que depois me enviarás.

— Tomo nota do vosso desejo, rial senhor e meu pai.

«Entretanto sou a dizer-vos que mestre sois em trovar, e que não posso atingir a altura do vosso mérito.

— E's modesto em demasia, meu querido trovador.

— Sou simplesmente sincero.

«Que, de resto, para a cultura da arrogancia, da vaidade e impudor, não me fadou o destino... a contento do meu sentir

E cravára os olhos no filho de Aldonça Telha, que respondera cinicamente com um sorriso de desdem.

— Pois vai... voltara o rei numa grande bonhomia.

«Sê muito feliz por lá, e conta sempre comigo.

E D. Pedro, ajoelhando-se, beijára a mão do Soberano, saindo depois da quadra sem ter fitado o irmão.

. . . . . .

D. Afonso soubéra logo em Santarem do regresso de Afonso Sanches.

Ah! que tempestade de raiva lhe não assaltou de pronto o proprio genio irritavel!...

— Bandido! — trovejára ele na alcáçova, numas furias hidrofóbicas.

— E' uma grande provocação! — insinuavam-lhe os parciais, desejosos de novas guerras com seus estupros e saques.

— Meu pai quer mais pelejas? Pois te-las ha.

— E com sobrada razão, senhor.

«Salve-se a vossa honra... e a «honra» da fidalguia.

— E' de mais, senhores; é de mais...

«E o reino não ha-de ficar em paz, emquanto viver o verme que nasceu de Aldonça Telha.

— Seja morto como um cão!...

— Reunamos a nossa gente, e partamos sobre Lisboa.

«Partamos!...

. . . . . .

De facto, um grande tróço de fidalgos e malfeitores corrêra sobre Lisboa, disseminando o terror e a ruina pelas terras que percorreu!

D. Diniz nem sequer sonhava com os disignios do herdeiro; porem, quando lhe deram a ***nova*** da sua ultima rebelião, arrancára feixes de cabelos, transformando-se de seguimento n'uma espécie de vendaval.

— Dizei-lhe, da minha parte, que não avance sobre Lisboa! — trovejára ele raivosamente despedindo, com um gesto, um dos fidalgos da côrte.

Ah! mas o infante despresára a ordem, e assentára acampamento na terra do Lumiar.

D. Diniz — reunida a sua hoste marchára no encalço do filho; resolvendo em seguida esperal-o n'umas antigas terras chamadas d'***Alvalade***.

D. Izabel sentira-se acometida por nova amargura!...

E depois de ter escrito aos dois féros contendores — mandára aparelhar uma mula, montando-a e seguindo sósinha para o teatro da guerra.

D. Afonso já mandara seguir a sua gente, em ordem de batalha, até junto do arraial do pai, onde as trombetas ou tubas deram o sinal d'álerta, tão depréssa fôra vista pelas ***espias perdidas***.

— Fóra o bastardo! — gritavam enfurecidos os sequazes do infante.

«Fóra o filho petulante da impudica Aldonça Telha.

«Fóra!... fóra!...

E, de seguida alguns projecteis — fréchas e pedregulhos — cahiram entre os da hoste do grande ***rei lavrador***.

— Picaros! — gritaram os alvejados n'um berreiro.

— Fóra o bastardo!...

«Fóra o bandido! — trovejaram os outros.

E os cavalos — de parte a parte — mordiam os bridões, em ancias de carregar.

— Fóra Afonso Sanches!...

— Fóra o miserável!...

— Fóra!... fóra!...

E á luz d'um lindo sol desempanado de nuvens, as lanças e as espadas faiscavam na hedionda crueza dos seus gumes açaculados.

— Fóra o canalha!...

— Fóra o filho da barregã!...

— Fóra! fóra!...

Ah! mas d'esta vez o monarca não se pode conter. Déra ordem aos peões para responderem com fréchas aos sicarios do infante.

E estava iniciado o combate... mas um combate sacrilego, que devia ser sangrento!...

Os cavaleiros — caidas as viseiras — iam já para carregar, quando, a curtissima distancia, soára uma voz meliflua como os cantos arvaes.

Era a rainha D. Izabel que — montada na sua mula — se abeirava febricitamente dos dois tôrvos contendores.

— Paz!... paz!... filho meu, e meu esposo!...

«Reparae no sacrilego d'esta pugna, e temei a justiça de Deus, que vos hade tomar contas!... Paz!... paz!... esposo da minha alma, e meu filho do coração!

E dirigira-se depois ao arraial do infante:

— O que é isto filho meu?! — lhe perguntára ela.

«Que espirito mau te levou á rebeldia?!...

— Afonso Sanches, real senhora!

— Ah! sempre esse bastardo como causa do meu martirio!...

E' desdouro a sua estada na côrte!

— Abaixo o bastardo!

«Abaixo! — irromperam os sequazes do revoltado.

— Paz e socego, meu filho! — implorára a rainha com muito pranto na voz.

— Não póde havel-o no reino, emquanto n'ele estiver o filho de Aldonça Telha.

— Pois bem meu querido Afonso:

«Não pratiques agressões contra a hoste de teu pai.

«Deixa-me ir ter com ele, pois confio na Providencia, que tudo ha de sanar.

E, tangendo a mansa mula, dirigira-se ao local onde se achava o monarca.

— Querido esposo e senhor: Abrandai a vossa ira, e dai remedio ao mal que ha muito me flagela.

— Hei de ser eu o primeiro a abrandar a minha ira?

«Ha de ser o pai tantas vezes ofendido, a inclinar cerviz perante o filho rebél?!... Não... nunca!...

— O pai não curva a cabeça perante o filho rebél: mas evita a rebeldia, sendo recto e justiceiro!

— O que pretendeis exprimir n'esse vosso arrazoado?

— Que escandalisa vosso filho a presença dum bastardo... que tem sonhado com o trono!...

— Intriga!...

«Simplesmente calunia e intriga, minha bondosa Izabel!...

— Assim será... meu senhor rei e esposo.

E após ligeiro mutismo:

— Porem... porque incompreensivel razão não ficou vosso bastardo na sua vila d'Hespanha?

— Porque julguei tranquilo nosso filho e meu herdeiro.

— Não sabeis, senhor, que de sobra o aflige a presença d'Afonso Sanches?...

«Quereis continuar a mantel-o n'esta terrivel desordem?... Quereis dar o golpe derradeiro na minha triste existencia?...

E escondendo o espinho do ciume n'um mascarado sorriso:

— Diniz: Sêde grande na familia, como o haveis sido no reino.

«E' tempo de viverdes para a mulher e para o filho, com os excessos de ternura que levais ás barregãs!...

D. Diniz empalidecêra quando a esposa acabara.

E' que na consciencia coleava a serpe do remorso, cujo dente venenoso produz trajos horripilantes.

— Pois bem; — disséra ele á rainha, n'uma grande comoção.

«Afonso Sanches vai partir de novo para a sua vila d'Hespanha. E nosso filho e meu herdeiro, que venha pedir-me perdão... para poder abraçal-o.

— Oh!... Beijo-te as mãos meu adorado Diniz.

«Que Deus afaste as tempestades medonhas, levando-as para muito longe no nosso infeliz lar.

. . . . . .

D. Izabel partira para o arraial do infante, a quem transmitira as promessas do monarca trovador.

— Vem... vem filho! — implora-lhe ela com muito pranto na voz.

— Sim... irei... já que assim o desejais.

«Mas... estará el-rei resolvido a despedir o bastardo?

— Está, sim, pódes crêr...

«Juro-o pelo amor de mãe... que nunca foi traiçoiro!...

— Basta... basta, querida mãe e senhora!... Entrego-me em vossas mãos, que vieram desarmar-me.

«Caminhemos, pois, e que muitos anos de paz oxidem o meu arnez.

E acompanhara a rainha até á beira de el-rei.

Depois — entre viva comoção — filho e pae abraçaram-se sem quaesquer resentimentos.

. . . . . .

Voltemos, leitor amigo, áquela scena interrompida pelos gritos desesperados do pequeno Afonso Sanches.

Decorridos são muitos anos, depois que D. Aldonça e o pagem tiveram de suspender o obscuro coloquio.

Pacificado o filho e censurada a aia, Aldonça Telha voltára á quadra, a fim de continuar o dialogo interrompido.

— Satisfizeram-me — disséra ela — as informações recebidas, a respeito do pagem Ramiro Sanches, do serviço da rainha.

«Vê-se, meu amigo, que é intimo... mas muito intimo de sua real mercê.

— Exactamente, senhora minha.

— Pois bem.

«E' preciso, a bem de Afonso Sanches, fazer-se crêr el-rei que a rainha sua esposa lhe não tem sido fiel.

— Não compreendo a vantagem desse pensamento...

— Tem pouco que compreender, meu amigo.

E sempre a meia voz:

— E' que, dado tal rebate, D. Diniz deve ficar na duvida a respeito da paternidade do infante D. Afonso.

— Compreendo agora, minha boa senhora.

«E, dest'arte, vosso filho poderá, sem grande dificuldade, herdar o trono de D. Diniz, — excluido o infante.

— Nem mais, nem menos, Marco Peres.

— Mas... como havemos de fazer constar a el-rei a infidelidade da esposa ?

— Por meio dum anonimo, escrito num pergaminho.

— Não sei escrever, senhora.

— E' assás indiferente, meu amigo.

— Explicae-vos, que sou rijo do miolo...

E dando ao scelerado algumas moedas de ouro:

— Em Penacova existe um chamado judeu Isaac...

— Eu conheço-o, senhora minha.

— Optimamente, Marco Peres.

«Pois entregai-lhe esta bolsa recheada de ***alfonsins***.

«Depois... que faça o pergaminho, de que acabei de falar...

— Partir vou para Penacova, minha senhora e amiga.

— Sim... sim... ide!... ide!...

«E, na volta, deveis deixar o anonimo na alcôva de D. Diniz.

Marco Peres — com os ouvidos cheios de promessas tentadoras — caminhava na direcção da morada do judeu, emquanto Aldonça Telha — tão formosa como louca — passava a ruminar a sua estupida ideia!...

. . . . . .

Meste Isaac não se fizera rogado.

Vendera o vil pergaminho, e ficava ás ordens para outra infamia qualquer.

Recebida a tôrpe denuncia, Marco Peres regressára a Coimbra; e, como Aldonça Telha o havia aconselhado, colocára o anonimo na alcôva do monarca, o qual havia de encontrá-lo, lêl-o, e meditál-o.

. . . . . .

— Não pode ser! — monologara raivosamente el-rei, amarfanhando, muito nervoso, o infamante libelo.

«Izabel é o modelo das esposas, e o escól das mães de coração.

E apertando a cabeça com as mãos:

— Mas uma vingança... uma cegueira... um desvario?... Ah! E' tão fragil a natureza humana?!...

E com furias de dementado:

— Sancho Esteves?! — gritara ele em tremuras de sezonatico.

— Real senhor! A's vossas ordens! — respondera o escudeiro, dobrando-se em semi-circulo.

— O fôrno de Coimbra, quente já até ao rubro!...

— Compreendido, senhôr meu.

— Depois... ha de ser lançado nele o homem que perguntar ao forneiro: «se cumpridas foram as ordens enviadas por el-rei».

«Entretanto... o mais rigoroso silencio, percebestes?

«Sob pena de te caír a cabeça a um golpe de manchil.

Sancho Esteves nem tugira nem mugira.

Fizera um novo salamaleque, e — livido como um finado — fôra cumprir a ordem de sua real mercê.

D. Diniz — entre a duvida da infidelidade e a recordação de mil virtudes praticadas pela rainha sentia taes torturas moraes, que só pode descrevel-as quem as sofreu uma vez. No entanto não retirára a ordem com relação á *queima* do pagem Ramiro Sanches.

E' que necessitava dum *alvo* — inocente ou não — onde empregasse a colera que o anonimo lhe despertara.

Depois — e sabendo por Sancho Esteves que o fogo esperava a vitima da impudica Aldonça Telha mandára ir á sua presença o pobre Rrmiro Sanches, que nuuca sonhara sequer com a intriga da concubina.

*

— A's vossas ordens, real senhor! — dissera o pagem numa grande quietação, que provava sobejamente a mais plena inocencia.

D. Diniz encara-o com firmeza... estudara-lhe a fisionomia... e ficara a meditar.

Ah! mas a ordem estava dada... o forno estava quente... e era-lhe mister dirimir duvidas, que lhe infernavam a alma.

— Escuta-me! — intimara ele, em éstos de excitação. «Conheces Ermigo Pais, o forneiro de Coimbra?

— Perfeitamente, senhor meu.

— Pois bem. Perguntar-lhe-has «se cumpridas foram as ordens enviadas por el-rei».

— Nada mais, real senhor?

— Nada mais! — respondera o soberano com um gesto de despedida.

E Ramiro Sanches partira imediatamente, resando pelo caminho um rosario interrompido.

. . . . . .

O pagem de santa e adorada rainha D. Izabel de Aragão era um moço assaz honesto e em excesso religioso.

Mais que religioso: fanatico!

Seria homem para — á similhança do casto filho de Jacob — deixar a capa nas mãos de qualquer princesa, que tentasse seduzi-lo e atacar-lhe o pudor.

Aldonça Rodrigues Telha ideara pessimamente um amante de tal feitio para a casta D. Izabel!...

Ora... Ramiro Sanches dirigira-se a Ermigo Pais, forneiro de Coimbra como el-rei lhe ordenára.

O forno estava tão quente, que dava a exacta impressão das fornalhas do inferno!

Ah! mas ia decorrendo o tempo... o forno arrefecia... e o pagem não aparecia com o recado d'el-rei!

D. Diniz — que esperava ***novas*** da parte d'Ermigo Paes — dava-se a perros com a demora, e começava a pensar na hypotese da fuga do condenado.

Entretanto o forneiro ia deitando no forno grande grande massa de combustivel.

E passaram uma, duas, trez horas sem que el-rei recebesse quaesquer ***novas*** da tragedia.

Aldonça Telha tambem as aguardava numa extrema anciedade.

— Ide saber o que ha! — ordenára a exacta concubina ao confidente malvado.

Marco Peres não se fizera demorar.

Encaminhara-se para o paço, onde encontrara o monarca num grande desespero.

— Real senhor! — segredara-lhe o bandido, numa voz quasi insonóra:

«D. Aldonça, minha ama, deseja saber ***novas*** de vossa real mercê...

— Ainda bem que aparecestes! — respondera el-rei interrompendo o recado:

«Conheces Ermigo Pais, o forneiro de Coimbra?

— Como os meus dedos, real senhor.

— Pois dirige-te a ele, e dize-lhe da minha parte «se cumprida foi a ordem levada por Sancho Esteves».

E o bandido partira ligeiramente com o recado do rei.

Ermigo Pais — tão estupido como feroz — não tinha fixado a ***senha*** que o soberano lhe enviara.

*

Mas... Ramiro Sanches, o casto pagem da rainha?...

Ramiro Sanches — muito antes de abeirar-se do local do suplicio — entrara num santuario, onde os sinos badalavam chamando fieis á missa.

E ligando maior valor ás coisas religiosas que aos interesses profanos, ingressara avidamente no tempo, onde havia um ***trintario***, que ia principiar.

Trinta padres — segundo os usos do tempo — deviam rezar trinta missas, sufragando a alma dum ***ricohomem*** finado naquele dia. O pagem ouvira dez!

E tão embevecido estava com as coisas do outro mundo, que só tarde se recordou do recado e do forneiro!

. . . . . .

Marco Peres — mais cubiçoso das coisas sublunares que das doçuras do céu — dirigira-se ao forno de Coimbra, sem que o houvesse atraído o bimbalhar dos sinos chamando gente á oração.

— Foi cumprida uma ordem de sua real mercê? — preguntara ele ao forneiro, que o medira com uns olhos ainda mais rubros que o forno.

— Sim... cumpri... vem vêr! — respondera-lhe o monstro, deixando vêr uns pulsos dum diametro descomunal.

E o cumplice de Aldonça Telha abeirara-se do forno onde a bêsta cozia o pão.

— Queres então que diga se cumprida fôra a ordem de el-rei nosso senhor?

— Exactamente, meu amigo, pois que el-rei está ancioso...

E Marco Peres não podera concluir.

Porque o brutal Goliath — pegando-lhe pelas pernas — introduzira-o no forno, no meio das labaredas!

Depois fechara a porta da horripilante fornalha.

— Que delito faria o pagem para el-rei o condenar a ficar feito em carvão?... Ora adeus!...

«Cumpri a ordem de sua real mercê, e só me resta receber o preço do meu honrado trabalho.

E assentara-se, assobiando, ouvindo o rechinar das carnes do cumplice da barregã.

. . . . . .

Nesta altura da tragedia chegou ao forno terrivel o fanatico Ramiro Sanches.

— Cumpridas foram as ordens enviadas por el-rei?» — preguntára ele á fera, numa grande ingenuidade.

— Cumpridissimas, senhor pagem.

«A estas horas, o misero, está reduzido a pó!...

Ramiro Sanches não percebêra nem quizera perceber, aquela espécie de enigma.

Encolhêra, os hombros... saudára o verdugo... e dirigira-se depois ao paço, onde el-rei aguardava o pagem da barregã.

— Cumprida a vossa ordem, real senhor! — comunicára Ramiro, numa grande simplicidade... na mais plena despreocupação.

— Como?!... Como?!... Pois quem morreu?!...

— Quem morreu?!...

— E o pagem da rainha ficára como que aparvalhado.

Depois — a convite do soberano — contára-lhe tudo quanto ocorrêra, desde que sahira do paço até que entrára no fôrno.

«Meu Deus! — exclamára o rei, despedindo Ramiro Sanches com um gesto benevolente.

. . . . . .

Sua real mercê o senhor D. Diniz faleceu no ano mil trezentos e vinte cinco.

D. Izabel, após a sua morte, vestira o habito da ordem de Santa Clara «per razoea de tresteza & de doo, & domildade & nom per religiom, nem per professon», porque era de tal edade e sofria de tal doença, que não poderia cumprir obrigações monacaes.

Os ultimos anos da sua vida ainda foram bem trabalhados de cuidados e dissabores.

Após a guerra entre seu filho Afonso 4.º e o execrando bastardo — a que ela puzéra termo, — vira a neta D. Maria maltratada pelo esposo Afonso 11.º de Castela; o qual — cégo d'amor pela impudica favorita D. Leonor de Gusmão — a abandonára descaroavelmente, expondo-a ao tôlo desdem dos servís palacianos.

E quando Afonso 4.º — o sogro — lhe invadira o reino com o montante nas mãos, D. Izabel corrêra ao arraial do filho com o sentido de levar a paz aos dois monarcas beligerantes; porem, tendo adoecido gravemente na vila d'Estremoz, exalára o ultimo suspiro a 4 de Julho no ano mil trezentos e trinta e seis.

Ah! mas a santa esposa de D. Diniz não desapareceu num sarcófago.

Passou a iluminar a Historia como estrela fulgente que jámais se apagará.

FIM

Livraria Barateira

34, RUA DO DUQUE, 36 — TEL. 2 6755

Historia de Portugal. por Pinheiro Chagas, 14 grossos volur milhares de gravuras, brochado 300$00 — Encadernado 500$00.

Obras diversas: ***Amor ae Perdição,*** C. C. Branco. broc enc. 12$50, ed. de luxo 15$00; *Aquæ Méris,* D. Carlos I perante ria cósmica, E. Battaglia, 3$00; *Aguas Claras,* trases de amor e dade, O. Marçal, 5$00; *Arte de bem morrer,* A. Ferro, 2$00; *Barra* mance cinematográfico, M. Level, 6$00; *Batalha de Flores,* António 2$50; *Caça aos submarinos,* heroico e emocionante episódio da Guerra, $50; *Carlitos,* publicação infantil, cêrca de 50 variedades, $ *tos para as crianças,* A. Figueirinhas cart. 8$00; *Contos das crian* Figueirinhas, cart. 8$00, broch. 6$00; *Contos para os nossos filhos* Amália Vaz de Carvalho e Gonçalves Crespo, com 100 gr br. 10$ 15$00; *Camilo,* a sua vida, o seu genio e a sua obra, P. Osório, 12$ tecismo da doutrina cristã, 1$00; *Crime da estrada do Pinhal da Az* por A Patricio, $50; *Dicionario da antiga linguagem portuguesa,* H wick, 5$00; *Doceira familiar,* 3$00; *D. Quichote de la Mancha,* 5$00 *nario popular,* 1458 pags, contendo a moderna e antiga ortografia, reno, enc. em percalina, 25$00; *Entre precipicios,* crónicas politica: timos tempos, C. Malheiro Dias, 3$00; *Enciclopedia das Familias* ilustrada, 50 numeros diferentes, a $30; *Familia Ingleza,* J. Dini *Grandes trágicas do silencio,* Antonio Ferro, 1$50; *Historias par ças,* 6 variedades com 6 grav a côres, cada historia, $80; *Idade Band,* Antonio Ferro, 1$50; *Idolos de barro,* por F. Dias Sanch *Inglez sem mestre,* por Charles Roquete, 4$00; *Impressões várias,* s para a história do 19 de Outubro por M. de Jesus Campos, 4$00; *I rian Angela Pinto,* 5$00; *Imagem do Sonho e da Ventura,* por Marçal, $50; *O verdadeiro livro de S. Cipriano,* edição comple enc. 12$50; Livro de M.me Brouillard; *Divinação do passado, pres turo,* 3$00; *Livros para apontamentos,* 160 pags, pautadas, 1$50; *L* comentados, por E. da Silva Dias, 2 vols. 20$00; *Meus pequeninos* infantil e canções de gesto, musica de E. Cabreira, versos de O 7$50; *Manual do fogueteiro,* ou arte dos fogos de artificio, carto *Manual da Formosura,* Os segredos da Mulher, condessa d'Arley, 2 *morias de Eduardo Brazão,* 5$00; *Mulher do lar,* E. de Sousa Co *Mundo Novo,* rom. por Ana de Castro Osório, 12$50; *Novo métod* para aprender a ler, escrever e falar a lingua ingleza por Jacob I 8$00, cart 10$00; *Novo método prático,* para aprender a ler, a es a falar a lingua franceza, por Jacob Bensabat, 8$00, cart. 10$00; *de Pombal,* M. Caldas Cordeiro, $50; *Neurastenia,* por F. de Sou 5$00; *Narcóticos,* 2 vols. por C. C. Branco, 15$00. *Oraculo, a* *vossa vida,* Burton Vance, 3$00. A mesma dividida em 12 fascic. cada fasciculo, $50. *Postais de arte em Portugal,* colecção de 1 com vistas da Batalha, 1$50. *Para se apreciar devidamente um* ilust. 72 pags. 1$50. *Pupilas do Sr. Reitor,* J. Diniz, br. 7$50. *Quac nha guitarra,* A. Arriegas, $50. *Quo Vadis,* romance, H. Sienkiew *Rosa do Adro,* M. M. Rodrigues, br. 7$50, enc 12$50. *Reportorio d* gos, duetos, cançonetas, tercetos e poesias, 5$00 *Revista de* variedades a 1$50. *Recordando,* contos, T. de Melo. 3$00 *Segredo Falsário,* sensacionais revelações sobre o caso do Angola e *M* 1$00. *Segrêdos da Musa,* Freitas da Câmara, 2$50. Semana i *Carlitos),* o jornal dos adolescentes, 10 variedades a $50. *Três* Ivan Tourgueneff, 3$00.

IMP. LUCAS & C.ª — Rua Diário de Noticias, 61 — LISBOA

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF
BR
0003833

01827675

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 05 08 16 027 8